

Banda Sinfónica Portuguesa

11 Set 2022
12:00 Sala Suggia

Luís Carvalho direcção musical

Tércio Silva

Fúria de Zeus (2022; c.11min)*

Gualter Silva

Inertia Symphonia (2022; c.11min)*

Luís Carvalho

Gentios são os olhos negros... (Glosas sobre um tema tradicional açoriano) (2016; c.11min)

Isto não é uma Passacaglia (2022; c.18min)**

*Obras finalistas do X Concurso Nacional de Composição BSP

**Estreia mundial; encomenda ao compositor residente da BSP 2022

Tércio Silva

ALBERGARIA-A-VELHA, 1988

Fúria de Zeus

Fúria de Zeus retrata um confronto de titãs (Zeus vs. Hera), em pleno Olimpo. Começa com a alvorada, com a criação de sons que lembram a natureza e o místico e a beleza que transborda do Monte Olimpo, com uma aproximação progressiva à figura de Zeus. Esta aproximação chega à figura de Zeus (A), de costas para o seu trono no Olimpo, a observar o seu vasto Império. Calmo e imponente, volta-se para os halls onde a sua prezada família se encontra, bem como a sua mulher Hera. Ela encontra-se a conversar com Poseidon, irmão de Zeus, este (Zeus) fica com ciúmes (B) e começa a dirigir-se para os dois. Quando chega perto deles, começa a pedir justificações a Hera, podendo ouvir-se a sua ira e raiva ciumenta a aumentar com o discurso (C). Hera tenta justificar-se e explica que o ciúme é infundado, ao que Zeus de forma altiva e brusca refere que ela é sua propriedade. A discussão sobe de tom, pelo que Hera começa a interpelar Zeus no seu discurso. A discussão continua sombria e agressiva, onde Hera refere que ela não é nada como ele, que a anda a trair com outras. No meio da loucura que sucede desta discussão (F), Hera, cega de raiva, dá um ultimato a Zeus referindo que se ele não parar com estas acusações ela usa o seu poder para matar uma das suas amantes. Que nem as nuvens conseguem esconder-lo e Zeus de seus olhos. Perante esta ameaça perigosa, (G) os céus começam a mudar, a ficarem carregados de nuvens negras, pois Zeus começa a invocar o seu poder para, cegamente, pôr fim a Hera. Ela, assustada, começa a suplicar pela sua vida, prostrando-se diante dele para que parasse, mas só quando ela derrama uma lágrima e olha para Zeus é que a tempestade se dissolve por completo e o raio que ele segurava na sua mão direita se dissolve em fumaça. Ele acalma-se, estende a mão para a sua mulher, limpa-lhe a lágrima do rosto e, num aconchegante abraço, perdoa pedindo desculpas pelo sucedido. (H) A forma e força de Hera é enaltecida, bem como o seu amor pelo seu marido, e a discussão dissolve-se num abraço onde Hera apoia a sua cabeça no peito de Zeus.

Agora, que tudo está calmo, está na hora de desfrutar de tempo de qualidade com a sua família (I) no prado verdejante. Quando todos se encontram à mesa, Zeus olha para a sua família e mostra-se agradecido pelo que tem e pelos bons momentos que podem passar juntos, pois nada é mais importante do que o valor da família, do perdão e, mais importante que tudo, do amor.

A obra caminha para o final, com o vislumbre geral do Monte Olimpo à medida que vamos sendo elevados no ar pelos sons harmoniosos e belos.

Gualter Silva

PRAIA DA VITÓRIA, 1998

Inertia Symphonia

“Inertia” advém do latim para inércia, estaticismo; “symphonia” tem como tradução literal “conjunto de sons”. E foi assim que elaborei esta obra, onde tento obter movimento dentro do estático, obtendo esse movimento com sobreposições constantes e exploração do timbre dos instrumentos. Tendo assim um lado muito estático nas ideias melódicas e rítmicas, mas uma certa riqueza tímbrica. De seguida, uma parte central bastante movimentada, onde as sobreposições de quartas aumentadas dão uma sonoridade característica à obra. Ritmicamente bastante complexo e movimentado, contrastando com as extremidades da obra. Por fim, uma ideia de reexposição, mas não no seu sentido literal, pois há sempre ideias novas a surgir, e onde novamente a estaticismo está bastante presente. Esta obra confunde-se até com a natureza humana, um corpo estático que se movimenta e volta ao repouso. Por isso, posso afirmar que a ideia da *Inertia Symphonia* é da natureza física do homem.

GUALTER SILVA

Luís Carvalho

PORTO, 1974

Gentios são os olhos negros... (Glosas sobre um tema tradicional açoriano)

Quando me foi lançado o desafio de escrever uma obra comemorativa pelo 150.º aniversário da Filarmónica N. Sr.ª das Neves (Banda da Relva, na ilha de S. Miguel, Açores), desde logo me surgiu a ideia de escrever algum tipo de variações sobre um tema tradicional açoriano. No entanto, também desde o início pretendi fugir do estereotipado “tema e variações”, procurando antes uma abordagem mais moderna e fresca, que pudesse, ao mesmo tempo, fazer jus à riqueza do folclore das ilhas de bruma, mas igualmente cativar o espírito do ouvinte contemporâneo. No final acabei por concretizar uma estrutura rapsódica, baseada na belíssima canção originária da ilha Terceira “Olhos negros” (ou “pretos”, consoante as fontes), cuja simplicidade, mas ao mesmo tempo vitalidade da melodia, enfeitiça logo à primeira audição. Do pensamento original de escrever “variações” sobrou o subtítulo da presente obra, “Glosas sobre um tema tradicional açoriano”, que toma de empréstimo da literatura o conceito de “glosa”, que significa “comentário”, pois também esta minha obra se constitui de uma série de sucessivos “comentários” musicais àquele tema tradicional dos Açores. Reservei ainda uma derradeira surpresa na partitura, já que o tema na sua plenitude não é apresentado logo no início da obra, como seria de esperar num “tema e variações”, mas, em total subversão do conceito, coloquei-o no final, concluindo a obra de forma festiva e apoteótica, como convém numa comemoração aniversária!

Isto não é uma Passacaglia

Isto não é uma Passacaglia é, na verdade, uma *passacaglia*! A ironia do título presta homenagem a um dos meus pintores favoritos do movimento surrealista, René Magritte (1898-1967), e à sua icónica obra *La Trahison des Images* (*A Traição das Imagens*), mais conhecida como *Ceci n'est pas une pipe* (*Isto não é um Cachimbo*). O refinado e mordaz humor criativo de Magritte sempre me fascinou, e ainda que a minha obra musical não tente de forma alguma representar aquela (ou qualquer outra) pintura do mestre belga, encontro alguns pontos de convergência da minha linguagem musical com características de Magritte e do surrealismo em geral, nomeadamente a utilização de elementos tradicionais, mas não alinhados de forma ortodoxa. Assim, a minha *Passacaglia* que não o é mas é, está formalmente assente no tradicional princípio de repetição de um baixo *ostinato* sobre o qual se vão sucessivamente construindo variações, ainda que eu não utilize essa técnica de forma linear nem estrita. Por exemplo, o próprio ciclo do baixo *ostinato* que serve inicialmente de base à construção musical vai sendo livremente adulterado ao longo da peça, não só circulando entre instrumentos e mudando de registo, mas também metamorfoseando-se na sua estrutura, tempo, ritmo, direcção, etc., chegando mesmo a transformar-se em sumptuosa melodia num longo solo de flauta alto. Ao visitar no séc. XXI esta forma musical tão antiga (as origens da *passacaglia* remontam à Espanha do início do séc. XVII), procurei uma simbiose entre tradição e modernidade que, tal como o cachimbo de Magritte, propõe um jogo de ilusões. Afinal, sendo intrinsecamente etérea, a Música é, porventura, a mais ilusória das artes.

LUÍS CARVALHO

Luís Carvalho direcção musical

Maestro, compositor e clarinetista, Luís Carvalho distingue-se como um dos mais versáteis músicos portugueses da sua geração. Apresentou-se em recitais e concertos um pouco por todo o mundo, muitas vezes estreando as suas próprias obras e as de outros compositores contemporâneos portugueses e estrangeiros, várias das quais tendo-lhe sido expressamente dedicadas. Doutorado em Música pela Universidade de Aveiro, foi galardoado em diversos concursos, destacando-se o prémio para o melhor aluno do curso (ESMAE/Porto/1994), o Concurso de Interpretação do Estoril (2001), o 4.º Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim, pela sua obra orquestral *Metamorphoses homage à M. C. Escher* (2009), e o 1.º Prémio de Composição Francisco Martins da Orquestra Clássica do Centro (Coimbra/2017) por *Mosaico*, também para orquestra. Foi ainda nomeado para o Prémio Autores da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA/2012) por outra obra orquestral, *Nise Lacrimosa*. Vencedor da Audição para Jovens Maestros organizada pela Orquestra Metropolitana de Lisboa (2010), foi, mais recentemente, finalista do Concurso Internacional de Direcção de Orquestra Hans von Bülow (2021). Em 2013, foi distinguido pelo jornal nortenho *Audiência* com o Troféu Prestígio pela sua carreira dedicada à música.

Dirige as mais importantes orquestras nacionais, e no estrangeiro apresentou-se na Rússia, na Eslováquia, na Hungria, em Itália, em Espanha e na Finlândia. É fundador e director artístico/musical da Camerata Nov'Arte (Porto), grupo com o qual, para além de estabelecer uma firme carreira nacional, realizou já duas aclamadas digressões internacionais ao Brasil (ES — Espírito Santo, 2013) e à Eslováquia (2019). O repertório que aborda é vasto e eclético, estendendo-se do Barroco à contemporaneidade, e inclui várias primeiras audições absolutas. Colabora igualmente com conceituados solistas nacionais e estrangeiros, tendo participado nos mais destacados festivais nacionais, tais como: Estoril, Alcobaca (Cisternmúsica), Póvoa de Varzim, Espinho, Algarve, Paços de Brandão, Guimarães, Marvão, Festivais de Outono (Aveiro), Dias da Música (CCB), Festival Jovens Músicos (RDP-Antena 2/Lisboa). No estrangeiro, apresentou-se no Festival de Macau, no Festival de Inverno de Domingos Martins (Brasil), no Festival Musica de Estrasburgo (França), no ClarinetFest — Madrid (Espanha) e no Musique en Guyenne (Monflanquin/França).

Igualmente reconhecido como compositor, as suas obras têm sido apresentadas em vários países da Europa e da América do Sul, por intérpretes e agrupamentos de reconhecido mérito. O seu catálogo inclui obras para orquestra, banda, música de câmara, solos e diversos arranjos, orquestrações e revisões, a maioria resultante de encomendas institucionais. No âmbito da sua investigação para doutoramento concebeu uma *reinvenção dos esboços para grande ensemble*, baseada nos rascunhos deixados por Gustav Mahler para a derradeira e inacabada Sinfonia n.º 10, em Fá sustenido maior, que o próprio estreou dirigindo a Camerata Nov'Arte.

Luís Carvalho participa em cerca de uma vintena de CD, como clarinetista, maestro ou compositor, de etiquetas como Numérica, Casa da Música, Afinaudio, Public Art ou Molenaar. É docente da Universidade de Aveiro.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação a 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto, da Portolazer e da Ágora na divulgação e expansão do seu projecto nesta cidade. A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de meia centena de obras, resultante ainda do seu concurso de composição e de encomendas. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico* com Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Night and Day* (2019).

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, sendo de destacar nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Vasco Dantas, incluindo vários músicos que integram a formação. Alguns concertos contaram ainda com a participação de vários coros e com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. A BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, entre outros, dirigiram também a orquestra.

Destaca-se a realização de concertos nas principais salas de espectáculo de norte a sul do país, Igrejas, Santuário de Fátima, bem como na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e ainda nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Lleganés e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve os 1.^{os} prémios no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1.^a secção, e na categoria superior (Concert Division) do 60.^o World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições daquele que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Flautas

Herlander Sousa
Daniela Anjo
Marta Vilaça (alto)
Carolina Brito (piccolo)

Oboés

Pedro Moreira
Leonor Marinho
Ana Sofia Maia (corne inglês)

Fagotes

Pedro Rodrigues
José Eiras

Clarinetes

Crispim Luz
Nuno Sousa
Catarina Pereira
Inês Arede
Luísa Marques
Rui Lopes
Beatriz Rocha
Isabel Ferreira
André Silva
Bruno Silva
Miguel Ramos
Daniel Monteiro
Filipe Pereira (requinta)
Daniel Amaro (baixo)

Saxofones

José Pedro Gonçalves (alto)
Pedro Pereira (alto)
Leonor Dias (alto)
Isabel Anjo (tenor)
Rui Cunha (tenor)
Marcelo Marques (barítono)

Trompas

Nélson Silva
Luís Oliveira
Rui Pires
Hélder Vales
Samuel Ferreira

Trompetes

Telmo Barbosa
Sérgio Pereira
Miguel Vilarinho
Manuel Ferreira
André Santos
Ricardo Araújo

Trombones

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Emanuel Rocha
Tiago Noites (baixo)

Eufónios

Luís Gomes
Nuno Costa

Tubas

Jorge Viana
Henrique Dias

Percussão

Sandro Andrade (tímpanos)
Daniel Araújo
Jorge Lima
Paulo Mota
Pedro Pereira
Gabriel Teixeira

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano

Ana Raquel Cunha

Celesta

David Silva

Harpa

Érica Versace